

Experiências de professoras/es LGBTQIA+ dentro de uma escola

Experiences of LGBTQIA + teachers within a school

Thales do Amaral Santos

Mestrando em Educação e Docência pela Faculdade de Educação da UFMG
E-mail: thales.santos.quatro@gmail.com

Wesley Frank da Silva Oliveira

Mestrando em Educação e Docência pela Faculdade de Educação da UFMG

Paulo Henrique de Queiroz Nogueira

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais –UFMG

Resumo: Uma pessoa LGBTQIA+ pode passar pela escola com sua orientação sexual de forma invisível, ou melhor, com as pessoas ao redor esperando que ela seja uma pessoa heterossexual, já que este é o padrão colocado. É uma posição que possivelmente evita os efeitos negativos em se assumir, como a violência física e verbal do dia a dia. Entretanto, por outro lado, traz uma rotina estressante para a/o professor, sendo que à medida que as relações sociais na escola vão se aprofundando, cada vez mais esforço é gasto para que sua orientação sexual seja invisível, além de que se perde uma importante oportunidade para se trabalhar a temática na escola, da melhor forma possível. Neste artigo, não vislumbramos ampliar o debate sobre as orientações sexuais, mas mostrar como, para quem e em quais momentos educadoras/es negociam sua orientação sexual e se torna pública no ambiente escolar, a partir de entrevistas com educadoras/es LGBTQIA+ de uma escola.

Palavras-chave: Educação. Gênero. Sexualidade. Violência escolar.

Abstract: An LGBTQIA + person can go through school with his/her sexual orientation invisibly, or rather, with the people around him/her expecting him/her to be a heterosexual person, as this is the standard set. It is a position that possibly avoids the negative effects of assuming oneself, such as the physical and verbal violence of everyday life. However, on the other hand, it brings a stressful routine to the teacher, and as social relations at school deepen, more and more effort is spent to make his/her sexual orientation invisible, in addition to losing an important opportunity to deal with the topic at school. In this article, we do not envisage broadening the debate on sexual orientations, but showing how, for whom and at what moments educators negotiate their sexual orientation and become public in the school environment, through interviews with LGBTQIA + educators from a school.

Keywords: Education. Gender. Sexuality. School violence.

UM CONVITE A SAIR DO ARMÁRIO

Mesmo em um mundo em que a tecnologia evolui de forma rápida, surgem novas perspectivas e ideias; conceitos e preconceitos vêm sendo derrubados; questões ligadas à identidade de gênero e orientação sexual ainda são tabus dentro do ambiente escolar, gerando rejeições por diversos segmentos sociais, afetando grupos e instituições. Levando-se em consideração esses aspectos e, ao pensar na escola como um espaço democrático importante de socialização e de transformação social, é imprescindível que as temáticas de identidade de gênero e orientação sexual sejam amplamente discutidas e que as expressões singulares dos sujeitos que constroem esse espaço sejam valorizadas.

Refletir sobre a escola como espaço democrático é reconhecer seu caráter universal, que deveria garantir uma educação para todas as pessoas, abrangendo as diferenças que cada pessoa carrega em si. No entanto, como instituição socializadora, ela reproduz dinâmicas da sociedade, estabelecendo, em alguns casos, parâmetros ditos “aceitos” e “corretos”, como a heteronormatividade.

Atualmente, as pessoas LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Travestis, Transexuais, Intersexuais, Assexuais e outras identidades) ocupam lugares sociais que, durante anos, lhes foram negligenciados, inclusive as salas de aula da educação básica e de universidades. Ainda precisam negociar em quais momentos, como e em quais espaços é preciso silenciar sua identidade.

Desde que nascemos somos socializadas/os para conviver em sociedade, aprendendo e construindo, dia a dia, as normas estabelecidas. Entre essas normas, existe a diferenciação de gênero, aprendida antes mesmo de o bebê nascer. No universo escolar, essa distinção é reproduzida de diversas formas. Guacira Lopes Louro (1997, p. 81) comenta:

É indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz. Podemos estender as análises de Foucault, que demonstraram o quanto as escolas ocidentais se ocuparam de tais questões desde seus primeiros tempos, aos cotidianos escolares atuais, nos quais podemos perceber o quanto e como se está tratando (e constituindo) as sexualidades dos sujeitos.

É importante lembrar que gênero é uma construção social e como tal se destaca em sua particularidade, subjetividade e, inclusive, temporalidade (MOTT, 2002). A lógica binária heteronormativa afeta não apenas crianças e jovens, mas também os adultos e idosos que frequentam a instituição escolar, como estudantes, corpo administrativo, auxiliar de limpeza e professoras/es.

No que se refere à escola, de acordo com Junqueira (2009), certos tratamentos preconceituosos, medidas discriminatórias, ofensas, constrangimentos, ameaças e agressões físicas ou verbais têm sido uma constante na vida escolar e profissional de crianças, jovens e adultos LGBTQIA+. Essas pessoas veem-se desde cedo imersas em uma “pedagogia do insulto”, constituída de piadas, brincadeiras, jogos, apelidos, insinuações, expressões desqualificantes – poderosos mecanismos de silenciamento e de dominação simbólica.

A escola como um todo tem a responsabilidade de não contribuir para o aumento da discriminação e dos preconceitos contra pessoas que não correspondem a um padrão de masculinidade ou feminilidade dominante. Uma das estratégias é promover debates para a desconstrução de ideias que são ditadas e sustentadas como formas esperadas e corretas para cada gênero. É preciso pensar na escola não somente como uma instituição, mas também como um grupo de pessoas, sujeitos, comunidade escolar, sociedade, com pessoas LGBTQIA+ e outras identidades.

Posicionar-se como LGBTQIA+ na escola para uma/um professora/or é também se posicionar em seu ambiente de trabalho. Uma das “verdades” estabelecidas no senso comum é de que não se deve misturar o ambiente de trabalho com sua vida pessoal. Uma pessoa LGBTQIA+ pode passar pela escola com sua orientação sexual de forma invisível, ou melhor, com as pessoas ao redor esperando que ela seja uma pessoa heterossexual como todas as outras, já que este é o padrão colocado. É uma posição que possivelmente evita os efeitos negativos em se assumir, como a violência física e verbal do dia a dia. Entretanto, por outro lado, traz uma rotina estressante para a/o professor, sendo que à medida que as relações sociais na escola vão se aprofundando, cada vez mais esforço é gasto para que sua orientação sexual seja invisível, além de que se perde uma importante oportunidade para se trabalhar a temática na escola, da melhor forma possível.

Neste artigo não vislumbramos aprofundar o debate sobre as orientações sexuais, mas mostrar como, para quem e em quais momentos educadoras/es negociam sua orientação sexual e se torna pública no ambiente escolar. Samuel Stones e Glazzard (2019) nos evidenciam que o trabalho de educadoras e educadores LGBTQIA+ torna-se excessivamente estressante ao ter que lidar, além de todas as suas responsabilidades, com questões relacionadas a sua orientação sexual.

Para compreender melhor as vivências de educadoras/es LGBTQIA+ nas escolas, entrevistamos três pessoas de uma escola pública estadual de Belo Horizonte, localizada em uma das principais favelas da cidade, Alto Vera Cruz. Os nomes das pessoas entrevistadas, bem como da instituição em que elas trabalham foram ocultados, de forma a preservá-las, por isso escolhemos nomes fictícios para representarem suas falas. Uma professora de português cisgênera negra, que se identifica como lésbica (Luciana), um professor de química, cisgênero negro e gay (Roberto) e um professor de biologia, cisgênero branco, gay (Pablo).

Na construção do roteiro das entrevistas, assim como na sua condução, trouxemos para a nossa pesquisa a Cartografia. Essa metodologia que tem sido amplamente utilizada nos leva a campos abertos de pesquisa e deixa de ser uma ferramenta para se tornar a pesquisa em si. A Cartografia nos permite navegar e valorizar o trajeto dessa navegação. “O problema de uma cartografia não é um tesouro a ser descoberto em uma ilha perdida, é seu objeto de criação” (OLIVEIRA, 2012, p. 165). Após a transcrição de todas as entrevistas, entendemos que a Análise de Conteúdo, mais especificamente a Análise Temática seria a melhor abordagem (BARDIN, 2009).

SAINDO DO ARMÁRIO PARA SI

Antes de discutirmos sobre o processo de uma pessoa em se posicionar como LGBTQIA+ no espaço escolar, é importante destacar o momento em que ela se posiciona para si mesma, ou em outras palavras, o momento em que ela sai do armário para si mesma. A

expressão “sair do armário” é utilizada para se referir ao momento em que uma pessoa homo, bi, assexual e até de outras orientações sexuais se posiciona de tal forma para a sociedade.

Nosso debate parte de experiências vivenciadas por professoras/es que nasceram em uma geração específica, década de 80. Marcar essa temporalidade torna-se importante, uma vez que cada geração experimentou um mundo com percepções diferentes sobre as pessoas LGBTQIA+, o que interfere na forma como as próprias pessoas LGBTQIA+ se reconhecem como tal (SAGGESE, 2009). As pessoas nascidas na década de 80, por exemplo, presenciam uma realidade em que o HIV ainda é associado às pessoas LGBTQIA+, sendo as pessoas dessas identidades percebidas como as responsáveis pela perpetuação do vírus. Outro fato importante a ser lembrado é que, até 1990, o fato de uma pessoa se sentir atraída sexualmente por outra pessoa de identidade de gênero semelhante era considerada um desvio e transtorno sexual, código 302.0, da Classificação Internacional de Doenças (CID) da Organização Mundial de Saúde, referindo-se ao “homossexualismo”, incluído no Capítulo V que versa sobre os Transtornos Mentais. Esse contexto nos ajuda a compreender o porquê de as pessoas entrevistadas demonstrarem grande dificuldade em seu autorreconhecimento:

[PABLO] cara, eu... era... é muito ruim. Eu lembro direitinho a primeira vez que eu transei, tinha 16 anos eu transei com um cara que tinha o dobro da minha idade, ele era budista, eu era budista. E aí eu me lembro que eu cheguei na escola, me sentia sujo, assim... olhar para as pessoas... alguém me olhava, essa pessoa me olhava, eu falava [pensava]: “vey ela sabe...” é muito ruim, assim, a situação. E aí eu lembro de duas pessoas que foram muito importantes para mim, e depois eu fui amigo delas. Depois, assim, que eram dois gays, tipo, bem afeminados, que já eram assumidos na minha época de ensino médio e eu lembro que eu tinha pavor de passar perto dessas pessoas, assim, eu tinha medo de olhar para elas. E depois desse processo todo que eu me assumi, que eu fui me aproximar delas [...]?! Tipo assim, são as pessoas que são alvos, são as pessoas que da linha de frente. Mas eu me escondi muito, muito mesmo, nesse tempo de Ensino Médio [...].

[LUCIANA] Eu não conseguia ter esse nível de consciência da minha orientação sexual, eu sabia que eu sentia atração por mulheres, mas para mim isso estava mais ligado a... sei lá, uma perversão minha, sexual. Porque eu também levava muito para a questão sexual e não levava para o afeto, mas eu não conseguia chegar nesse nível de...

[ROBERTO] eu passei por essa fase de, primeiro, de resistência, de não aceitar. Até os meus 16, eu era de origem evangélica, batizado nas águas... e aí eu tive que... eu passei por esse processo que todo mundo passa né?! De não aceitar, de achar que alguma coisa estava errada comigo né?! Porque os meninos e os outros todos, eles sentem atração por meninas e demonstram, e lidam muito bem com isso. E eu, por outro lado, eu não consigo nem me despertar o desejo mínimo [...].

Para todas as pessoas participantes da pesquisa se reconhecer como LGBTQIA+, foi um processo marcado por dificuldades, vergonha e percebiam a homossexualidade como uma anormalidade. Recorreram, como ajuda, a leituras, colegas da escola, conversas com

profissionais que pudessem auxiliar como terapeutas, ou seja, recursos que podem estar presentes dentro da instituição de ensino, destacando assim a importância da escola no processo de autorreconhecimento. Talvez o melhor não seja falar de um reconhecimento, mas de um não reconhecimento durante sua vida escolar, uma vez que as pessoas entrevistadas só se identificaram como LGBTQIA+ após os 20 anos de idade, ou seja, durante todo o seu Ensino Básico não se reconheciam como LGBTQIA+. Não é possível então esperar que essas pessoas saiam do armário, ou até mesmo que identifiquem sua vivência como uma pessoa LGBTQIA+, inclusive não associando as violências vivenciadas motivadas pela sua orientação sexual, o que explica a dificuldade de muitas pessoas LGBTQIA+ identificarem processos de violência sofridos durante sua passagem pelo Ensino Básico. Roberto, aluno entrevistado, legitima este debate por meio de sua fala: “mas é por isso que eu estou lhe dizendo, a verdade que situações acontece. Pelo fato da gente não perceber, a gente acaba deixando passar”.

A escola demarca uma importante fase na socialização de uma pessoa, podendo ser responsável por processos de identificação e reconhecimento, como nos lembra Pablo:

[PABLO] cara, a escola é o principal lugar de socialização nossa né... da nossa idade, naquela idade entre 14 e 16 anos, é o nosso principal espaço de socialização, assim, então, tipo assim, na minha família e tal se for pensar de fato, o único, um dos únicos que você está né... é na escola. Por isso que a escola, ela tem essa coisa muito repressora, é um espaço de socialização que você tem... se você não consegue ser quem você é nesse espaço, aonde que vai ser? não vai ser dentro de casa, com todos os limites... teria que ser de fato na escola. É muito difícil você se sentir à vontade...

Esse processo de socialização, tendo a escola como um dos principais agentes socializadores, demonstra um aspecto de não apoiar o processo de autorreconhecimento como uma pessoa LGBTQIA+:

[LUCIANA] Não, na minha época não, existir, existia mas ninguém se assumia como lésbica ou bissexual, isso nunca foi falado na escola, nunca. As amigas que eu tenho hoje da época que são lésbicas ou bissexuais, quando a gente estava no ensino médio, no fundamental, mantinha a... essa reprodução da heteronormatividade.

Algumas pessoas são importantes nos processos de auxílio no autorreconhecimento:

[PABLO] eu hoje também tenho toda essa coisa da consciência muito por um professor de Filosofia. Ele é hetero, só que ele tipo, assim, eu não sei como é que se ele se identifica. Se é drag... como é que é... Mas ele é um professor super feminino, assim, então ele faz sobrelha, ele faz unha, tem cabelão...

[ENTREVISTADOR] Ele dava aula assim?

[PABLO] na minha época ainda não. Agora que ele, tipo assim, de uns anos para cá que ele se assumiu mais. Mas ele me ajudou muito, assim, tipo

assim, ele... eu li anticristo, Nietzsche com 14 anos! Explodiu minha mente. [eu] queria explodir igreja já! Então, esse professor me ajudou muito, então, eu lembro muito dele colocando essas questões. Na época nem devia existir essa coisa [sigla] LGBT.

Professoras/es, em sua formação nas escolas, são conduzidas/os por uma pedagogia excludente; estudantes aprendem a “mover as alavancas sociais da hostilidade contra a homossexualidade e contra si mesmos antes mesmo de terem a mais vaga noção quanto ao que elas se referem” (JUNQUEIRA, 2009, p. 15).

SAINDO DO ARMÁRIO PARA A ESCOLA

Todas as pessoas entrevistadas se posicionam como pessoas LGBTQIA+ dentro da escola, não necessariamente como uma forma de apresentação: “Olá, meu nome é *fulano* e sou gay”. Mas, ao mesmo tempo, elas se colocam à disposição de suas alunas e alunos para conversar sobre o tema e, para isso, não tem problemas em assumirem sua orientação sexual. Vale ressaltar as ideias de Sedwick (2007, p. 22):

Mesmo num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays, há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas [...]. Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição [...]. O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. Mas, para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social, e há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora.

Dessa forma, existe uma negociação para essa saída do armário. Talvez a pessoa se posicione como LGBTQIA+ dentro do seu ambiente familiar e/ou com amigas/os, entretanto, em seu ambiente de trabalho, destaca-se um comportamento heteronormativo, quando possível. Esse processo faz parte de uma negociação, em alguns momentos, como defende Gustavo Saggese (2009, p. 74), “o indivíduo não se esconde, mas também não se distingue”, o que é legítimo diante das violências a que pessoas LGBTQIA+ estão sujeitas na escola, ou até mesmo as vivências que as pessoas LGBTQIA+ presenciaram no seu processo de escolarização. Para muitas pessoas, inclusive adultas, entrar em um ambiente escolar é um processo difícil, memórias de violências de todas as formas – física, simbólica, psicológica – são acionadas, o que implica vivências estressantes a essas pessoas, profissionais (STONES; GLAZZARD, 2019; MEYER, 2003).

Muitas vezes, o próprio corpo, as roupas, o comportamento já se posicionam, e não permite a educadora ou o educador negociar a informação sobre sua orientação sexual com a escola. Não é fácil se posicionar com uma orientação sexual diferente da heterossexual. Os

relatos destacam medo e insegurança, não necessariamente na relação com os estudantes, mas principalmente com outros profissionais.

[LUCIANA] fiquei com medo de falar isso aqui [escola], na verdade eu só falei para as pessoas que eu me senti mais confortável e os alunos, isso foi bem aos poucos, algumas alunas que eu tenho no ensino fundamental então elas começaram a me perguntar e eu troquei algumas coisas com elas... eu acho que todas as salas em algum momento eu já falei que sou lésbica, isso já apareceu porque me perguntaram e eu respondi e expliquei, ou então porque eu falei mesmo... sei lá... mas eu me sinto mais confortável falar com eles do que falar com a equipe de profissionais porque eu tenho medo... Lógico que algumas vezes eu já escutei não direcionado a mim, já escutei alguém falando: “Ah não sei o que”, “ser lésbica é ruim...” “fulana é lésbica” e associando a coisas ruins... mas isso, eles não me trataram com violência. Quando eu falei da minha orientação sexual e aí, eu não sei, eu fico esperando na verdade da equipe de profissionais, pessoas adultas, algumas pessoas podem adotar essa postura, por exemplo as mulheres não querem ficar perto de mim por achar que eu vou dar em cima.

Um dos professores entrevistados comenta que não necessariamente se posiciona como LGBTQIA+ para estudantes e para a escola como um todo, mas, ao mesmo tempo em que é indagado sobre sua orientação sexual, não faz questão em esconder:

[ROBERTO] não, não dessa forma, cheguei e levanto essa bandeirinha não. Qualquer coisa pegou meu celular, pegou e viu minha foto de eu e do meu nego [namorado] aí... “Ah professor quem é essa pessoa?” [respondo] Meu noivo. Entendeu?! Então é uma forma de me assumir, qualquer coisa: “Ah porque você está namorando?”, “Eu tenho namorado”. Eu me posiciono...

O posicionar-se como LGBTQIA+ ocorre, normalmente, primeiro em relação a estudantes e depois em relação à equipe de professoras/es e administrativo. Podemos pensar que a posição hierárquica que educadoras/es ocupam em relação ao grupo de estudantes favorece essa relação. A/O professora/or em sua posição de poder, com a possibilidade de penalizar formalmente estudantes que, porventura venham a zombar de sua orientação sexual, deslumbra de certo privilégio, quando comparada/o a estudantes. Ao mesmo tempo, o corpo docente que se posiciona como LGBTQIA+ pode acessar outros recursos que favorecem seu posicionamento, caso haja represálias:

[LUCIANA] Não sei se os alunos se sentem bem... é um outro nível, eu sou adulta já consigo passar... e eu consigo por exemplo, se eu me sinto prejudicada aqui por ser lésbica eu consigo um outro lugar pra resolver isso, consigo resolver de outra forma. Não sei, não sei se eles conseguem porque por exemplo, hoje eu sou adulta, não moro com minha mãe ou com meu pai. Problemas se minha mãe e meu pai não me aceitam! Eles dependem da mãe, do pai, do irmão, dos colegas. Eu posso mudar de

amizades, eu tenho só amizades que são pessoas LGBTs, então é muito mais fácil pra mim...

A fala da professora mais uma vez nos chama a atenção sobre a possibilidade de a escola ser um espaço de acolhimento para as pessoas LGBTQIA+. Em muitos casos, essas pessoas não recebem em casa o apoio necessário para seu reconhecimento, enfrentam violências diárias e praticamente não têm acesso a informações sobre questões referentes a LGBTQIA+. Quando pensamos no corpo discente e em como a sua formação no Ensino Básico foi, em muitos casos, displicente, ainda é possível que o Ensino Superior seja um espaço importante.

FORMAÇÃO DE UM SABER LGBTQIA+

Como já destacado anteriormente, professoras/es entrevistadas/os marcam a falta de debate sobre a temática LGBTQIA+ durante o seu Ensino Básico. Talvez a presença de determinados sujeitos que, de alguma forma, questionavam a lógica heteronormativa presente na escola, seja por uma roupa diferente, seja pela forma de falar, essas pessoas levavam o debate, mas não necessariamente de forma formal, mas já é um elemento importante para as pessoas LGBTQIA+. A professora Luciana, quando questionada se passou por algum processo de formação para lidar com temas LGBTQIA+ na escola respondeu: “Não, não fiz. Até que agora tem né?! Na faculdade tem... mas eu não fiz nenhuma formação transversal nessa área não...”.

Durante a formação da Licenciatura, mais uma vez o currículo formal se distanciou desses debates, entretanto outras atividades paralelas propiciaram uma formação na temática, como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), ofertado por faculdades estaduais e federais.

[PABLO] eu fiz o PIBID [...] você tem uma vivência de escola muito diferente. No estágio, né?! O estágio [aprende-se] nada. E o PIBID você fica o dia a dia da escola, o dia de você planejar a aula... E eu fiz o meu PIBID numa escola muito periférica [...]. E lá eu percebi, assim, cara. Que loucura, assim, aí na época eu estava começando um debate sobre sexualidade na escola e a galera com 12, 13 anos assim a florada a sexualidade, muito louco, assim, tipo, e como que a escola tinha dificuldade de lidar com isso, era muito mais repressiva né?! Do que entender que esse... a galera passa por esse momento, descobrir seu corpo, corpo do colega, então era muito mais reprimido do que... Não vamos fazer disso um processo de aprendizado assim, [...] essa escola foi um grande aprendizado.

É importante pensar que, mesmo não tendo acesso a debates e informações relacionadas a como trabalhar a temática LGBTQIA+ em sua formação como professora/or, as pessoas entrevistadas destacam que buscam informações em outros espaços, inclusive em sua própria vivência. Apresentamos a fala de Luciana: “Eu leio bastante, eu converso com as minhas amigas, participo muito de rodas de conversas, vídeos também que eu assisto, minhas próprias vivências...”

Outro apoio, tanto ao processo de reconhecimento de professores como LGBTQIA+, quanto ao aprendizado sobre o debate a ser levado para a sala de aula, é o envolvimento com movimentos sociais. Para uma das pessoas entrevistadas, participar de um movimento social:

[ROBERTO] É uma terapia pra mim, eu tenho muitas dores né pelo fato do preconceito racial ao longo da minha vida... cada um, cada ser humano carrega a dor de uma forma diferente né... Então para mim é muito mais doloroso, foi muito mais doloroso todo o processo da minha trajetória pelo fato de ser negro do que ter sido gay... Então já outras pessoas por ter sido gay do que ter sido negro...

Todas as pessoas entrevistadas participam de movimentos sociais e destacam sua importância na formação para os debates que carregam consigo para a sala de aula sobre orientação sexual. Pablo relata: “minha formação toda de sala de aula tem mais a ver com a militância do que... (universidade) o que tem a ver só o conteúdo de biologia”.

Ilan Meyer (2003) destaca, inclusive, que a participação de pessoas LGBTQIA+ em movimentos sociais auxilia no processo de suporte mútuo, amenizando assim o impacto das violências experienciadas no dia a dia e, ao mesmo tempo, em alguns casos, identificar-se como LGBTQIA+ pode se tornar uma fonte de fortalecimento.

Ainda sobre o processo de formação e acesso à informação sobre a temática LGBTQIA+, uma fala se destaca e nos chama muito atenção para os processos políticos de escolha dos conhecimentos a se construir durante a formação e mostra como o silenciamento de temas LGBTQIA+, ou até mesmo a forma repressiva que se destaca essa formação:

[PABLO] a gente não pode falar que um professor que passou pelo ensino superior ele não teve acesso a informação, eu demorei um tempo... eu não concordava com isso mas eu demorei um tempo pra entender que é isso mesmo, é diferente falar para estudante, ai eu concordo, (estudantes) tem outras, outros meios, outros acessos. Agora você falar de professor tem falta de informação, não sabe lidar com pessoa trans por falta de formação já é uma escolha, uma escolha de ignorância.

A maior parte das pessoas entrevistadas trabalha ou já trabalhou temas relacionados a identidades LGBTQIA+ dentro de sala de aula; entretanto nos chama a atenção o relato de uma professora ao falar sobre o medo e a violência experienciada na escola:

[ENTREVISTADOR] Por que você ainda não trouxe questões LGBTs para sala de aula?

[LUCIANA] Então, eu fico com medo de ser, um dos meus medos deu não falar muito assim da minha vida pros meninos é da escola, da família achar que eu estou tentando fazer a cabeça deles, sabe?! Eu sei que isso pode acontecer, é por isso que até hoje, porque por exemplo se eu não fosse lésbica e trouxesse, talvez o povo ia acha ruim. Tá mas beleza, você é hetero, mas se você é uma pessoa LGBT e traz, parece, as pessoas vão dizer

a você está querendo forçar uma barra, você está querendo fazer a cabeça dos meninos, que logicamente é importante falar disso, mas eu não consegui trazer isso por causa desse medo.

MEDO E VIOLÊNCIA

Falar sobre medo e violência em relação a pessoas LGBTQIA+ infelizmente é um dos temas mais recorrentes nas pesquisas sobre essas identidades, principalmente quando ocorrem dentro das instituições de ensino. O foco tem sido estabelecido entre estudantes, muitas/os pesquisadoras/es têm construído seu campo de estudo relatando vivências de estudantes. Quando falam sobre pessoas LGBTQIA+ dentro do ambiente escolar, pouco tem sido relatado sobre profissionais da educação. Contudo, estudos internacionais (STONES; GLAZZARD, 2019; MARRS; STATON, 2016; WRIGHT; SMITH, 2015) demonstram diferentes fatores contribuindo para a opressão de professoras/es LGBTQIA+. No Brasil, a situação não é diferente, inclusive como nos mostram os relatos apresentados nas entrevistas desta pesquisa.

[PABLO] cara a única vez que eu me senti bem incomodado foi a vez que eu fiquei sabendo que uma das professoras me contou que uma das salas 1, 2, 3 meninos conversando falou disso assim: “você quer nota? Vai lá e come o professor, e ele vai te dar nota. [...] E aí eu fui lá e fiz uma conversa com eles de 40 minutos, expliquei de novo todas as categorias de desigualdade na nossa sociedade, olha, eu falei: “nossa sociedade é desigual, e se a gente reproduz esse tipo de discurso a gente tá reproduzindo uma desigualdade que depois é nossa, é aquele policial que vai te ver e vai ver você como jovem negro pobre... As pessoas têm direito de estar aqui andando no centro por exemplo...” então eu tive uma conversa bem séria com eles assim... Foi um momento que eu mais me sentia incomodado assim eu acho que foi dessa vez assim.

[LUCIANA] Já, esses comentários que eles fazem entre si, uma funcionária da escola já chegou na sala e fez alguns comentários lgbtfóbicos, tipo: “Ah! Deixa de ser viado, senta direito”, alguma coisa do tipo sabe?! Fazendo esses comentários assim que são conhecidos [comentários] da direção. Aí tem os termos viado, bichinha, para questionar a masculinidade dos meninos, você não está assumindo uma posição de homem que você deveria, você é viado, você é bixinha. Deixa de ser viado. Pára de ficar reclamando. Sabe? Alguma coisa do tipo.

[ENTREVISTADOR] O que você fez na hora?

[LUCIANA] não fiz nada, fiquei calada.

[ENTREVISTADOR] Por quê?

[LUCIANA] Porque é uma posição que está acima de mim e eu fico pensando gente mas uma pessoa que tem posição de poder na escola fala isso com os meninos?! Sabe, como que eu questiono a autoridade dela na frente desses meninos, eu não sei, eu não consegui dar uma resposta pra isso... e eu não sei também se ela faz isso na minha frente para me provocar, ou se ela faz na frente de todo mundo... eu não sei fico até pensando, mas é...

[ENTREVISTADOR] E como você se sente com esses comentários lgbtfóbicos?

[LUCIANA] ha... como eu me sinto?! Eu não tomo como agressão à minha pessoa, eu acho que é só uma coisa que eles não sabem lidar, eles aprenderam também né, então eu tento trazer, por exemplo, há viado, viado não é xingamento, sapatão não é xingamento, não tem problema nenhum em ser lésbica ou viado eu sempre falo isso com eles e tem outra coisa também, não nomeie o seu colega, fale sobre você, você é ou você não é, não fica falando pro outro o que ele é ou deixou de ser... deixa que ele mesmo, se ele quiser ou não, se ele for ou não...

Os relatos acima nos mostram como a violência em relação às pessoas LGBTQIA+ na escola, sejam elas jovens ou adultas, se pautam muito pela oralidade, ou seja, por comentários de cunho pejorativo. Daniel Borrillo (2010) destaca que “a homofobia é um **fenômeno complexo** e variado que pode ser percebido nas piadas vulgares que ridicularizam o indivíduo efeminado”. O grifo em fenômeno complexo é nosso, e fizemos isso para destacar que a homofobia pode se dar por diversas formas, e muitas vezes sem nos darmos conta de que determinada ação tem uma motivação homofóbica.

[ENTREVISTADOR] esse trem do mural ter sumido, por exemplo, isso não é um troço que te afeta?

[PABLO] me afeta concretamente, esse rolê da Cibele, das fotos, afeta o jeito que a gente pensa as aulas que a gente trabalha afeta a maneira o nosso esforço pedagógico, tipo assim de pensar aulas de pensar coisas.

O caso relatado se refere a um mural com mensagens, escritas por estudantes apoiando pessoas LGBTQIA+ que conhecem, atividade realizada dentro de um projeto sobre sexualidade na escola. O mural sumiu no dia seguinte ao dia em que fora ele exposto no pátio do colégio durante a Feira de Ciências, com a visita de pais e comunidade escolar. Ações como essa podem afetar toda a comunidade LGBTQIA+ da escola, determinando assim quais são os elementos e culturas que podem estar à vista de todas as pessoas, e quais devem ser retiradas. Borrillo (2001) nos chama a atenção para o fato de que é importante destacar as estratégias da homofobia, nomeá-las, para que possamos combatê-las. É preciso um exercício diário de se atentar nas pequenas violências no dia a dia e trabalhá-las de forma a se compreender seus mecanismos e buscar minimizar seus impactos:

Portanto, se este não se revela como limite da percepção e da cultura, mas sim como uma violência que esconde a violência da não nomeação, elemento fundamental na manutenção das hierarquias sociais pré-reflexivas, necessário se torna o seu enfrentamento através da nomeação e da reflexão de sua dinâmica de funcionamento. (BORRILLO, 2001, p. 10).

As opressões relatadas pelas/os professoras/os entrevistadas/os afeta não somente a elas/es mas também, de forma direta ou indireta, estudantes e toda a comunidade escolar LGBTQIA+.

[ROBERTO] Com certeza me atinge de forma direta e indireta, primeiro porque se eu procuro trabalhar uma atividade né que é sensível como a questão do negro do gay e a gestão tenta mudar, ou procura dar uma abordagem diferente isso me atinge de forma direta e de forma indireta

porque os meus alunos eles não vão ter conhecimento adequado que deveriam ter sobre aquilo, uma formação adequada para sua vida com relação aquele tema né?! E isso pode também por tabela fazer com que fomentar o preconceito mesmo.

A cidade de Belo Horizonte, por exemplo, onde as pessoas entrevistadas deste estudo desempenham o seu trabalho, foi a primeira capital do Brasil a aprovar o Projeto de Lei n. 274/17, apelidado de “Escola Sem Partido”. Em linhas gerais, este projeto determina que “o poder público não se imiscuirá na orientação sexual dos alunos nem permitirá qualquer prática capaz de comprometer o desenvolvimento de sua personalidade em harmonia com a respectiva identidade biológica de sexo, sendo vedada, especialmente, a aplicação dos postulados da teoria ou ideologia de gênero”. (CMBH, 2017).

A lei ainda não está em implementação por precisar passar por outras instâncias até ser aprovada. Não queremos aqui discutir o caráter da lei nem aprofundar em seu debate, mas destacar como o trabalho de professoras/es LGBTQIA+ é pautado por nuances de embate e constrangimento, afetando não somente sua saúde mental, mas também o ambiente escolar como um todo. Roberto, quando questionado sobre os constrangimentos em sua função ao falar sobre gênero e sexualidade ele relata: “hoje a gente tá passando por uma situação muito complicada, não sei que você está percebendo o que que é que a gente passa hoje na sala de aula, (o que lecionamos) é tratado como doutrinação né...”.

O movimento de repressão aos debates sobre temáticas LGBTQIA+ e, ao mesmo tempo, a restrição ao trabalho de pessoas LGBTQIA+ dentro das salas de aula não são recentes. Nos Estados Unidos, em 1978, houve a possibilidade de que professoras/es que se posicionassem como LGBTQIA+ poderiam ser demitidas/os, além de todos os profissionais, heterossexuais, que apoiassem essas/es educadoras/es. Conhecida como *Proposition 6*, a proposta fora rejeitada, a partir da mobilização de movimentos sociais e do legislador e ativista Harvey Milk. É preciso destacar que uma das estratégias utilizadas por Milk, com intuito de garantir direitos às pessoas LGBTQIA+, era por convencer às pessoas LGBTQIA+ que contassem aos seus familiares sobre sua orientação sexual:

Se vamos convencer os 90% a se importarem conosco, os 10%, temos de fazer com que eles saibam quem somos. Todos precisam sair do armário. Em todo o estado; não importa onde viverem. Se vamos derrotar a Prop 6, falemos a todos eles que saiam do armário; todo advogado, professor, médico ou apanhador de cachorro gay. Nós precisamos sair do gueto. Precisamos fazer com que todas aquelas pessoas lá fora saibam que conhecem um de nós. E se alguém não quiser sair do armário, nós abrimos. (SAGGESE, 2009, p. 11).

Não nos cabe aqui julgar o posicionamento de Harvey Milk quanto à sua imposição para que as pessoas se posicionem como LGBTQIA+, mas é importante refletir as estratégias construídas pelos movimentos sociais e por instituições políticas para que se construa um ambiente melhor para as pessoas LGBTQIA+ na sociedade. Os estudos de Griffith e Hebl, 2002 nos mostram que as instituições em que existe um maior número de pessoas se posicionando como LGBTQIA+ também apresentam um ambiente de maior apoio e suporte às pessoas LGBTQIA+. Esse estudo corrobora as análises apresentadas neste artigo, demonstrando assim a importância de professoras e professores se posicionarem com o intuito não só de

reduzir o estresse enfrentado no seu dia a dia, como também construir um ambiente escolar mais agradável às pessoas LGBTQIA+. Assim como apresentado, educadoras/es detêm certos privilégios para “sair do armário” que as/os estudantes não usufruem.

PARA (NÃO) CONCLUIRMOS... SIGAMOS!

Como bem lembra Nickary Aycker, no espetáculo *Quem é você?*, realizado pela companhia de teatro *Toda Desejo*, com texto de Raysner de Paula, precisamos nos apresentar. Precisamos sair do armário e dizer quem somos:

Olhem para mim e digam o que vocês vêem em mim? Vocês sempre tiveram medo de mim porque não me conheciam e eu sempre tive medo do medo de vocês... Mas calma... Calma, eu poderia ter me apresentado antes, dito que: não sou sozinha, não sou bruxa e nem feiticeira. Eu sou uma pessoa: uma pessoa como você que sonha, você que deve ter alguém que te ama muito, você que gosta de brigadeiro, ela que se arruma toda, toda, antes de sair de casa, ele que todo ano faz aniversário, como alguém que se machuca e sente o ardido do machucado. Como quem conta história, arruma casa, faz o almoço, lê um livro! Eu sou uma pessoa, uma Travesti Preta e da Periferia!

É importante que as escolas saiam do armário, se posicionem em apoio à sua comunidade escolar LGBTQIA+, entendam que existe uma vasta diversidade dentro de seu espaço e de sua comunidade e que o silêncio ou a repressão dessa diversidade gera violências, de todas as formas.

[ENTREVISTADOR] Como que a escola pode ser um lugar melhor para você enquanto mulher lésbica?

[LUCIANA] Um espaço em que eu pudesse falar abertamente da minha orientação, em que eu pudesse trabalhar isso na sala de aula sem medo, sem medo de ser chamada pela direção, os pais, ou então você está querendo impor a sua orientação sexual, que isso fosse lido como uma coisa natural mesmo, a gente não fala o tempo todo sobre relações heterossexuais, que a gente pudesse falar o tempo todo sobre relações não hétero, porque no começo do ano eu percebia que o Roberto quando vinha falar comigo ele falava baixinho do marido dele, agora ele consegue falar numa altura assim maior, mas assim, entendeu?! Existe medo todo mundo sente medo, quando a gente chega num ambiente que a gente não conhece, porque a gente sabe que ainda hoje, por mais que isso esteja mudando, ainda hoje as pessoas não recebem isso como algo normal...

Percebe-se a força que as injúrias refletem na vida das/os professoras/es “diferentes”, a força da heteronormatividade na sociedade. Discursos contra a diferença ainda permeiam as estruturas das escolas. A heteronormatividade está na escola, inserida nas ofensas, na estrutura física e organizacional, nos discursos de professores(as) e funcionários(as), “nos materiais didáticos que mostram apenas casais formados por um homem e uma mulher” (MISKOLCI, 2010, p. 46).

Este ambiente repleto de segrego acaba gerando incertezas e tristezas daqueles(as) que não se identificam com o que lhes é apresentado. Nós professoras/es LGBTQIA+ somos impactadas/os quando identificamos que não somos aquilo que é chamado de normal. Alguns(mas) se adaptam ao sofrimento, outras/os silenciam, outros(as) desistem do sistema educacional, outros(as) se tornam agressivos, e há inclusive aqueles(as) que desistem de viver. Há também aquelas/es que lutam, que buscam implementar na escola um espaço mais acolhedor para pessoas LGBTQIA+.

Precisamos rever a escola, afinal, da forma como a construímos hoje ainda segregamos, ridicularizamos e violentamos aquelas/es que não se encaixam no “padrão” que parte da sociedade impõe. E isso não se trata apenas de fazer a defesa da homossexualidade nas escolas, mas “recusar os valores morais violentos que instituem e fazem valer a velha abjeção”. (MISKOLCI, 2010, p. 25).

Por fim, ou para início de conversa, nós LGBTQIA+ precisamos ser resistentes para afirmamos nossas identidades no espaço escolar como profissionais da educação. A escola pode e deve ser um lugar maravilhoso para todas/os nós. Podemos nos mobilizar para construir uma escola LGBTQIA+, aprender com nosso passado marcado por violências e alegrias. Como bem disse Sabino (1981, p. 154), “façamos da interrupção um caminho novo, da queda um passo, do medo uma escada e do sonho uma ponte, da procura um encontro.” Sendo assim, façamos das interrupções, quedas e medos escolas que sejam caminhos e pontes para que todas as diferenças se encontrem nesse mesmo espaço!

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições, 2009. v. 70, n. 3.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**. Barcelona: Ediciones Bellaterra, 2001.

CMBH. Câmara Municipal de Belo Horizonte. **Projeto de Lei Municipal n. 274/2017**. Instituído, no âmbito do Sistema Municipal de ensino do Município de BH, o “Programa Escola Sem Partido”. Disponível em:
<http://cmbhsdownload.cmbh.mg.gov.br/silinternet/servico/download/documentoVinculado?idDocumento=2c907f765c8e8a2d015cc59a860d1711>.

GRIFFITH, Kristin H.; HEBL, Michelle R. The disclosure dilemma for gay men and lesbians: “Coming out” at work. **Journal of applied psychology**, v. 87, n. 6, p. 1191, 2002.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). **Diversidade sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis (RJ): Vozes, 1997.

MARRS, Sarah A.; STATON, A. Renee. Negotiating difficult decisions: coming out versus passing in the workplace. **Journal of LGBT Issues in Counseling**, v. 10, n. 1, p. 40-54, 2016.

MEYER, Ilan H. Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: conceptual issues and research evidence. **Psychological bulletin**, v. 129, n. 5, p. 674, 2003.

MISKOLCI, Richard. **Marcas da diferença no ensino escolar**. São Carlos, EdUFSCar, 2010.

MOTT, Luís. Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.15, n.1, p. 165-178, 2002.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação**. *Pro-Posições*, v. 23, n. 3, p. 159-178, p.159-178. 2012.

SABINO, Fernando Tavares. **O encontro marcado**. Rio de Janeiro: Record, 1981.

SAGGESE, Gustavo Santa Roza. **Quando o armário é aberto: visibilidade e estratégias de manipulação no coming out de homens homossexuais**. 2009. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, n. 28, p. 19-54, 2007.

STONES, Samuel; GLAZZARD, Jonathan. Using Minority Stress Theory as a Conceptual Lens to Frame the Experiences of Teachers Who Identify as LGBTQ+. **International Journal of Learning, Teaching and Educational Research**, v. 18, n. 7, p. 1-15, 2019.

WRIGHT, Tiffany E.; SMITH, Nancy J. A safer place? LGBT educators, school climate, and implications for administrators. *In: The Educational Forum*. Routledge, 2015. p. 394-407.